

JARDIM ENCANTADO





Aguarela s/ papel 21x 29,7 cm – 2001



O jardim era esplendoroso. Descrevê-lo com palavras seria prestar-lhe fraco tributo.

Ali estava a natureza na imensidão da sua beleza, na sua máxima prodigalidade, em toda a sua luxúria.

Num certo dia já longínquo, passeando descuidada por ali, a harmonia fixara-se naquele lugar, porque, na verdade, entendia que tinha de encontrar um poiso, um espaço para criar raízes. Encostara-se, em paz, às paredes daquele extenso muro de pedra e depois esticara-se, espreguiçando-se, tendo conseguido estender-se e preencher todo o espaço que encontrara.

Assim nascera aquele jardim único e de uma incomensurável beleza.

Ali descansava, agora, João, despreocupadamente esticado numa cadeira confortável, forrada com almofadas amarelas. Passava pelo sono depois de um almoço leve. O enorme guarda-sol branco protegia-o do calor que se teria tornado demasiado atrevido, se não fosse a leve brisa que soprava do mar.

O momento era, pois, perfeito. João sonhava com borboletas. Borboletas lindas, umas de cores suaves, outras de tons mais intensos, que batiam as asas sem parar numa conversa alegre e despretensiva. Algumas, mais afastadas, parecia que cantavam como quem toca harpa ao longe.

Aqui e ali iam pousando, pedindo, com delicadeza, licença às flores para lhes dirigirem a palavra. A maior parte destas não se fazia rogada; agradava-lhes vê-las dançar à sua volta e compreendiam que, de vez em quando, as borboletas precisavam de descansar e de dar dois dedos de conversa. Às flores sabia-lhes bem aquela corte que lhes fazia crescer o ego.

João continuava a sonhar e, no meio do sonho, continuavam as borboletas em rodopio ou voo solitário, ora descansando, ora subindo mais alto, mas sempre, sempre ali por perto.

O sono tornara-se, entretanto, profundo. O livro que João tivera nas mãos acabara por resvalar para o chão. Apenas uma borboleta continuava, de flor em flor, em acrobacias elegantes. Era linda! Batia as asas devagar, num ritmo próximo da galanteria. Insinuara-se dentro do sonho com a certeza de quem se sabe capaz de prender a atenção do jardim inteiro, como se o fizesse sem intenção.

João admirava-a. Sentia-se completamente seduzido por ela. A graciosidade com que se movimentava na sua frente era extraordinária. Languidamente aproximava-se, para logo se afastar quando João estendia a mão. As borboletas conhecem bem as técnico-táticas dos humanos!

Seja instinto, seja acto condicionado ou reflectido o que as move, quem sabe se não são capazes de raciocinar, nem que seja só por micro segundos? Verdade, verdadinha, apesar de isto ser altamente improvável, o que é certo é que nunca se viu uma borboleta assumir a forma de um ser humano, mas que há seres humanos que gostam de se vestir de borboletas, disso é que não há dúvida. Convenhamos, pois, que qualquer coisa os atrai...

Mas voltemos ao sonho de João.

A bela borboleta acabara por lhe pousar na mão e ele, como se estivesse anestesiado, não tirava os olhos dela. Estava extasiado!

Assim se encontrava, nesse enleio embevecido, quando, de repente, sentiu uma ferroadada na mão.

Na mão? Mas como, se era a formosa borboleta que ele via lá pousada?

A dor fê-lo abrir os olhos. Qual borboleta, qual quê!

Era um enfadonho moscardo que lhe voava em frente ao nariz. Da cor, da luminosidade, da beleza, do delicado voo da borboleta, nem sombras. O que ali estava era um moscardo, decidido a picá-lo onde mais fosse possível.

Bzzz...Bzzz...Bzzz..., voava o moscardo. Não havia meio de conseguir desembaraçar-se dele.

Levantou-se, incomodado com o malfadado moscardo. João ia tentando afastar-se dele, mas quando este parecia desistir e simulava um afastamento, logo acabava por voltar à carga.

Era, decididamente, um moscardo determinado, persistente, mesmo petulante. De borboleta não tinha nada. Se o fosse, afastar-se-ia sensatamente, voando para longe.

João não sabia que cerca de um século antes, um certo Nicolai Rimsky-Korsakov, nesse mesmo jardim, se tinha sentido inspirado por outro moscardo que não desistia de lhe moer a cabeça: Bzzz...Bzzz...Bzzz...

Cento e tal anos depois, continuava a ser, seguramente, o mais célebre de todos os moscardos do mundo!

P.S. A Rimsky-Korsakov, os meus agradecimentos!